

DA AUTORA BESTSELLER DE  
*A RAPARIGA NO COMBOIO*

PAULA  
HAWKINS



«O melhor livro  
de Paula Hawkins  
até à data.»  
Lee Child

A HORA  
AZUL

TOP  
SEL  
LER

Para a minha mãe e para o meu pai, com amor

*E a morte perderá o seu domínio.  
Nus, os homens mortos irão confundir-se  
com o homem no vento e na lua do poente;  
quando, descarnados e limpos, desaparecerem os ossos  
hãode nos seus braços e pés brilhar as estrelas.  
Mesmo que se tornem loucos, permanecerá o espírito lúcido;  
mesmo que sejam submersos pelo mar, eles hãode ressurgir;  
mesmo que os amantes se percam, continuará o amor;  
e a morte perderá o seu domínio.*

Dylan Thomas

[tradução de Fernando Guimarães,  
*A Mão ao Assinar Este Papel*, Assírio e Alvim, 1998]

*A vida é breve, a arte é longa.*  
Hipócrates

A Lua acordou-me, próxima e brilhante. Lançava sobre o mar uma estranha luz, como a de um dia sombrio, como se estivéssemos a olhar para o negativo de uma fotografia. Não fui capaz de voltar a adormecer. Há semanas que não conseguia trabalhar, por isso desci até à praia. Estava descalça, e a areia fria sob os meus pés fez-me querer correr.

Soprava um vento estranhamente quente que sacudia a areia e fazia com que as nuvens que iam passando diante da Lua projetassem sombras que me perseguiam. Não parava de pensar na canção que a Grace me ensinara, a que falava de lobos a desenterrarem os corpos dos mortos recentes, espalhando os seus pobres ossos pela terra.

Ultimamente, também eu me tenho sentido um pouco selvagem.

Corri e corri até ter os pés na água e, quando me volvei, contemplei a ilha, a casa, a janela do meu quarto com a luz ainda acesa, e vi algo a mover-se. A cortina, possivelmente, mas senti um arrepio. Esperei, de olhos fitos, desejando que voltasse a aparecer, mas não vi nada, nem ninguém, apenas, de súbito, a água a bater-me na barriga das pernas, nos joelhos.

A areia já não bulia, já nem sequer se via, fora engolida pela água, e eu ainda tinha tanto para andar. Avancei a custo,

contra o vento, tentando vencer a corrente, forte como a de um rio. Tropeçava a cada passo, caindo de joelhos. O frio era como uma bofetada, como se me estivessem a bater, uma e outra vez.

Acho que nunca tinha sentido um terror assim.

Quando regresssei aos degraus, estava tão exausta que mal conseguia mexer-me. Fiquei ali, prostrada, a tremer tão violentamente que parecia estar com convulsões. Por fim, lá consegui pôr-me de pé e entrar em casa. Tomei um duche, vesti-me, subi até ao estúdio e comecei a pintar.

*Division II* (circa 2005)

Vanessa Chapman

Cerâmica, laca japonesa, folha de ouro, filamento dourado,  
costela de artiodáctilo, madeira e vidro

*Empréstimo da Fundação Fairburn.*

*Uma de apenas sete esculturas criadas por Chapman,  
combinando fragmentos de cerâmica com objetos encontrados,  
Division II é um artefacto espacial enganadoramente simples:  
os objetos estão organizados em diálogo uns com os outros,  
suspensos em arame e encerrados numa caixa de vidro.*

*Ao apresentar os objetos desta maneira, Chapman levanta  
questões sobre inclusão e exclusão, sobre o que escondemos  
e o que revelamos, o que damos e o que sonhamos,  
e sobre o que fazemos e o que deixamos para trás.*

**De:** bjefferies@gmail.com

**Para:** info@tatemodern.co.uk

**Assunto:** Chapman — Exposição *Sculpture and Nature*

Caros Senhores,

Foi com muito prazer que visitei a Tate Modern este fim de semana. Apreciei especialmente a exposição *Sculpture and Nature*, que incluía peças magníficas. Todavia, detetei um erro na tabela da peça de Vanessa Chapman de 2005, intitulada *Division II*, a qual, entre os materiais utilizados, incluía uma costela de artiodáctilo. Como antropólogo forense experiente, posso garantir que a costela exibida não é de um artiodáctilo; na verdade, é de um ser humano.

É possível que o erro tenha sido cometido pela própria Sra. Chapman. Para quem não tem formação na área, é fácil confundir a costela de um cervídeo com a de um ser humano.

Achei que deviam ser informados.

Com os melhores cumprimentos,  
Benjamin Jefferies

# 1

Com a anca encostada ao corrimão da ponte pedonal, James Becker enfrenta o frio castigador de uma ofuscante manhã de outubro enquanto enrola um cigarro. Sob os seus pés, o riacho corre escuro e lento, e a água está muito perto do ponto de congelação, escorrendo como melação sobre a rocha cor de ferrugem. Está a meio caminho do percurso diário para o trabalho. São doze minutos desde a Casa do Couteiro, onde reside, até à Fairburn House, onde trabalha. Quinze minutos, se parar para fumar.

Com a gola do casaco levantada, olha rapidamente por cima do ombro — um forasteiro poderia achá-lo furtivo, mas ele não precisa de o ser. Pertence àquele lugar, por mais estranho que isso possa parecer. Até ele mal consegue acreditar. Como é possível que ele — filho bastardo e órfão de uma empregada de supermercado, aluno de uma escola pública enfiado num fato barato — possa viver e trabalhar ali, em Fairburn, misturado com a aristocracia? Não se *encaixa*. E, todavia, com trabalho árduo, um pouco de sorte e algumas pequenas traições, ali está ele.

James acende o cigarro e espreita uma vez mais por cima do ombro, na direção da casa. Da janela da cozinha, derrama-se uma luz amarela, que pinta de dourado a sebe de faia. Não está



ninguém à janela — Helena ainda deve estar na cama, com uma almofada entre os joelhos —, por isso ninguém o verá a quebrar a promessa que fez de deixar de fumar. Já reduziu o número de cigarros, agora são apenas três por dia, e, acredita ele, quando a água congelar, já nem esses fumará.

Encostado ao gradil, dá uma longa passa no cigarro e olha para as colinas a norte, com os topos já polvilhados de neve. Algures entre os dois pontos escuta uma sirene e parece distinguir o piscar de luzes azuis na estrada, talvez uma ambulância ou a polícia. O sangue corre-lhe subitamente mais depressa nas veias e sente um afluxo de nicotina à cabeça; no estômago borbulha-lhe uma débil, mas inegável, sensação de medo. Fuma apressadamente, como se assim o tabaco lhe fizesse menos mal, e lança a beata para a água. Atravessa a ponte e cruza o relvado em direção à Fairburn House, sentindo o gelo a esmagar-se sob os pés.

Ao abrir a porta do gabinete, ouve o telefone a tocar.

— Tou? — Becker encaixa o auscultador entre o queixo e o ombro, liga o computador e dá meia-volta para carregar no botão da máquina de café, na mesa de apoio.

Após uma pausa, uma voz clara e bem articulada pergunta:

— Bom dia. Estou a falar com James Becker?

— Sim. — Becker digita a palavra-passe e despe o casaco.

— Certo, bom... — Outra pausa. — Fala Goodwin, da Tate Modern.

O auscultador escorrega-lhe do ombro; ele apanha-o e encosta-o de novo à orelha.

— Desculpe, quem?

O homem do outro lado da linha suspira de forma audível.

— Will Goodwin — responde, enunciando exageradamente bem as vogais. — Da Tate Modern, em Londres. Estou a ligar porque temos um problema com uma das peças emprestadas pela Fairburn.

Becker endireita as costas e aperta o auscultador com força.

— Oh, *céus*, não a danificaram, pois não?

— Não, Sr. Becker. — O tom de Goodwin exsuda contenção. — Fomos *extremamente cuidadosos* com as três peças da Fairburn. No entanto, vimo-nos obrigados a retirar uma das esculturas da exposição. *A Division II*.

Becker senta-se e franze o sobrolho.

— Como assim?

— Segundo um *e-mail* que recebemos de um eminente antropólogo forense que visitou a nossa exposição este fim de semana, a *Division II* inclui um osso humano.

As gargalhadas de Becker têm como resposta o silêncio.

— Desculpe — diz ele, ainda a rir —, mas isso é...

— Bem pode pedir desculpa! — O tom de Goodwin é letal. — Lamento não partilhar da sua boa-disposição, mas, graças à vossa incompetência curatorial, na minha primeira exposição como diretor, e na primeira exposição pós-pandemia da galeria, expusemos, inadvertidamente, ossadas humanas. Faz ideia de como isto pode prejudicar a nossa instituição? É exatamente este tipo de coisa que faz com que as pessoas sejam *canceladas*.

Quando a chamada termina finalmente, Becker olha para o monitor do computador à sua frente, à espera de que Goodwin lhe envie o *e-mail*. A queixa — se é disso que se trata — é obviamente um disparate. Quiçá uma brincadeira? Ou talvez um simples engano?

A mensagem aparece na caixa de entrada. Becker lê-a duas vezes, googla o nome do remetente (um académico respeitado de uma das mais importantes universidades britânicas — isso descarta a possibilidade de se tratar de uma brincadeira) e depois abre o ArtPro, o *software* de catalogação da Fairburn, para procurar a peça em questão. Ali está. *Division II*, *circa* 2005, de Vanessa Chapman. Fotografias a cores, que ele próprio tirou, ilustram a peça. Cerâmica, madeira e osso presos por arame flutuam em redor uns dos outros numa caixa de

vidro criada por Chapman. O pedaço de cerâmica e o osso são gêmeos idênticos: fusos frágeis de um branco puro, fraturados no centro e unidos com verniz e ouro.

A primeira vez que viu a peça, pensou que teria sido enviada por engano. Uma escultura? Vanessa Chapman não era escultora, era pintora e ceramista. Mas ali estava, bela e estranha, um delicado enigma, o *puzzle* perfeito. Sem qualquer nota explicativa, apenas uma breve menção num caderno, onde Chapman falava das dificuldades que enfrentara ao elaborar a sua *pele*, a caixa de vidro que encerrava os restantes componentes. Incontestavelmente da artista nessa altura, e agora sua. Sua para pesquisar, para catalogar, para descrever e exhibir, para apresentar ao mundo. Estivera brevemente exposta na Fairburn House e, desde essa altura, fora vista por milhares de pessoas — dezenas de milhares! — por empréstimo em Berlim e Paris e, mais recentemente, em Londres.

Um osso humano! Que *absurdo*. Empurrando a cadeira para trás, Becker põe-se de pé e vira a cara para a janela.

O seu gabinete situa-se na ala pública da casa, com vista para o pátio quadrangular. No centro do relvado, tão verde e impecável como o feltro de uma mesa de bilhar, ergue-se um bronze de Barbara Hepworth. As suas curvas brilham com a luz da manhã, e as paredes inclinadas e convexas da cavidade central tremeluzem em tons de verde. Através desse espaço oval, Becker avista Sebastian, que atravessa o relvado em passo rápido com o telefone encostado à orelha.

Sebastian Lennox é o herdeiro da Fairburn — assim que a mãe se afastar, ele será dono daquela casa, da casa onde Becker reside, do pátio com relva, da escultura de Hepworth e dos terrenos em redor. É também o diretor da fundação, o que faz dele não apenas o senhorio de Becker, mas também o seu patrão.

(E seu amigo. É importante não esquecer.)

Becker vê Sebastian a contornar a escultura de bronze com um sorriso *demasiado* largo e, mesmo àquela distância, ouve

a sua gargalhada. Vira-se ligeiramente e o movimento chama a atenção de Sebastian, que semicerra os olhos, levanta uma das mãos num cumprimento e abre os dedos, indicando *cinco*. Cinco minutos. Becker afasta-se da janela e senta-se à secretária.

Dez ou quinze minutos mais tarde, ouve os passos de Sebastian no corredor e, pouco depois, vê-o a entrar no gabinete. É um verdadeiro *golden retriever*, mas com forma humana.

— Não vais *acreditar* na chamada que acabei de atender — diz ele, desviando a franja loira dos olhos.

— Foi de um tal de Will Goodwin?

— Céus, sim! — Sebastian solta uma gargalhada e deixa-se cair no cadeirão ao canto do gabinete. — Estava cheio de medo de ser cancelado. Também te ligou, foi?

Becker assente com a cabeça.

— Vão retirar uma peça da exposição — informa. — É... É uma reação completamente exagerada...

— Achas?

Becker ergue as palmas das mãos.

— Claro que é! Só pode. A peça foi vista por meio mundo, incluindo por peritos. Se o osso fosse humano, já alguém teria reparado.

Sebastian anui com a cabeça e faz um ar triste.

— Estás *dececionado*? — pergunta Becker, incrédulo.

Sebastian encolhe os ombros.

— Podes não ter reparado, Beck, mas o grande público britânico não tem enchido as nossas salas desde que reabrimos... Pensei que a insinuação de um mistério, que um cheirinho a escândalo...

— Escândalo? Oh, isso agrada-me. — Os dois homens voltam-se e veem Helena à porta. Enverga um vestido preto de caxemira que lhe chega aos tornozelos e lhe abraça a bonita barriga de grávida. Alguns caracóis de cabelo castanho escaparam-se do rabo de cavalo e exhibe manchas rosadas nas maçãs do rosto. Está ligeiramente ofegante.

— Hels! — Sebastian põe-se de pé, abraça-a e cumprimenta-a delicadamente com dois beijos. — Tão radiante. Vieste a pé? Entra, senta-te!

Helena deixa-se guiar até ao cadeirão que Sebastian acabou de vagar.

— Apeteceu-me caminhar — explica ela, sorrindo a Becker, que a fita com um olhar interrogativo. — Está um dia tão bonito que o que me apetecia mesmo era dar uma volta de bicicleta, mas — agita a mão para afastar as objeções de Becker, antes mesmo que ele as faça — é óbvio que não o vou fazer. Digam-me, que história é essa de um escândalo?

Escuta com atenção enquanto Becker explica o que se passou, interrompendo-o quando ele chega ao cerne da questão.

— Mas a peça esteve exposta na Berlinische Galerie! Integrou a exposição *Twenty-One*, no Musée d'Art Moderne de Paris!

Becker assente com a cabeça.

— Foi isso mesmo que eu disse.

— Então... o que vão fazer?

Sebastian senta-se no canto da secretária de Becker.

— Não faço ideia — responde. — Para ser sincero, não estou a ver qual é o drama. Imaginemos que o osso é humano. É pouco provável que ela o tenha roubado de uma campa, certo? Portanto, que importância tem?

Becker morde o interior da bochecha.

— Não podemos expor restos mortais, Seb.

— O British Museum está cheio deles!

— Bom, sim — Becker sorri —, mas não é bem a mesma coisa.

Sebastian encara-o com uma expressão carrancuda.

— Bom, o Goodwin concorda. Está em pânico e quer enviar a peça para um laboratório privado para que seja examinada, mas em segredo...

— Nem pensar! — Becker põe-se de pé num salto, abanando a secretária e, com isso, derramando café na elegante superfície

de couro verde. Sebastian e Helena observam-no enquanto ele se atarefa a absorver o líquido castanho com uma mancheia de lenços de papel. — Para levarem o osso para análise, terão de partir a caixa de vidro, e a caixa de vidro faz parte da peça. Foi feita por ela. Se partirem o vidro... bom, creio que, no mínimo, isso invalida o seguro, mas, mais do que isso, danifica a peça. Não vão enviá-la para um... *laboratório qualquer* sem nenhuma experiência nesta área e que desconheça a história da peça.

— OK — diz Sebastian, com um encolher de ombros teatral. — Então, que fazemos?

— Podemos começar por pedir uma segunda opinião a um outro perito, talvez até a mais de um. Que *analise*, mas através do vidro. E, enquanto isso decorre, podemos falar com a seguradora, explicar a situação, explicar que poderemos vir a ter de... — Não quer dizer «fazer testes», não quer ceder a essa hipótese. — De *investigar* mais aprofundadamente.

— E, entretanto — sugere Helena, cruzando e descruzando as pernas —, podias ir falar com a Grace Haswell.

— Não — declara Becker, tentando esconder o entusiasmo que sente. — Não posso. Não quero deixar-te...

— Porque estou doente? — Helena ri. — Claro que podes. Ora, Beck, estás mortinho por ir a Eris. Não falaste de outra coisa durante o confinamento. E agora surgiu a oportunidade perfeita. A desculpa perfeita.

— Talvez — diz Becker, num tom cauteloso. — Podia sair cedo, ir e vir no mesmo dia...

Olha para Sebastian, que encolhe os ombros.

— Não me oponho. Vai, se achas que pode ser útil. Mas não estou a ver de que modo a Bruxa Má da Ilha de Eris nos poderá ajudar neste caso. A menos que acredites que ela sabe de alguma coisa. Talvez o osso seja o último vestígio de uma das crianças que ela atraiu à sua casa de gengibre? — Sebastian ri da própria piada. Helena pisca o olho a Becker. *Idiota*. — Não, é uma boa ideia. A sério que sim. E podes matar dois coelhos

de uma cajadada: esclarecer esta questão do osso e informá-la pessoalmente de que estamos fartos de que ande a enrolar-nos. Está na hora de nos entregar os papéis da Chapman, juntamente com tudo o resto que nos pertença. Podes lembrar-lhe que o património artístico foi deixado à Fairburn e que não é ela quem decide o que nos dá e o que guarda para si...

— Bom — interrompe Becker, recostando-se na cadeira —, tecnicamente até é. É ela a executora testamentária.

— Não te armes em esperto comigo, porra! — A jocosidade de Sebastian evapora-se como saliva numa chapa quente. Becker esforça-se por não estremecer. Helena olha para o tapete. — Ela tem estado a reter documentos, cartas e talvez até algumas obras de arte. Essas coisas pertencem-nos. *Todas*. As telas, os esboços, as peças de porcelana, cada seixo que a Chapman trouxe da merda da praia e dispôs *tão criteriosamente*. Pertencem-nos! Tudo o que esteja relacionado com o seu património artístico é nosso.

Becker não diz nada. Está *desejoso* de pôr as mãos nos documentos de Chapman. Dois dos cadernos de apontamentos foram parar à Fairburn juntamente com as principais remessas de arte, mas existe mais material que nunca ninguém viu. Becker sabe, através de entrevistas dadas pela artista, que ela tinha diários com os registos dos processos criativos e que se correspondia com outros artistas, a falar sobre o seu trabalho — se e quando Haswell os entregar, ele será o primeiro a lê-los. Terá o poder de moldar a forma como o mundo vê Vanessa Chapman, como vê o trabalho que ela produziu e como esse trabalho é valorizado. Pensar em tudo isso deixa-o atordoado.

Todavia, Becker é um homem prudente por natureza, e amável também. Se conseguir ter acesso a esses papéis sem intimidar e importunar a executora testamentária — e querida amiga — de Chapman, melhor.

— Não estou a *armar-me em esperto* — contrapõe. — Sabes tão bem quanto eu que ainda não se determinou o que constitui património artístico e o que faz parte do resto...

— Rapazes. — Helena levanta-se, recusando, com um aceno de mão, a oferta de ajuda de Sebastian. — Isso é tudo muito fascinante, mas creio que se estão a esquecer do mais importante. E se o osso for de facto humano? O que vão fazer? Como planeiam lidar com isto?

— *Lidar?* — repete Becker.

— Beck, a Fairburn pode acabar na primeira página de todos os jornais do país, no *The One Show*, no...

Sebastian parece animar-se, mas Becker mostra-se cético.

— Não sei se será assim *tão* problemático, Hels — declara. — Será bastante bizarro, sim, mas...

— Beck — Helena sorri e abana a cabeça —, querido, pensa. Achas mesmo que a imprensa não se vai interessar pelo facto de ter sido encontrado um osso *humano* numa escultura feita pela grande, falecida, solitária e enigmática Vanessa Chapman? A mesma Vanessa Chapman cujo marido infiel desapareceu há quase vinte anos? E cujo corpo nunca foi encontrado?



## 2

**A**s vezes, quando olha para a mulher, Becker sente o coração a transbordar de tanta felicidade que chega a ser doloroso. Tem tudo o que sempre desejou e isso aterroriza-o, pois significa (deve significar, certamente) que tem tudo a perder. É isso que o traz tão ansioso, tão tenso. Sabe que é demasiada sorte. Não merece tudo aquilo.

Helena acabou de passar pela escultura de bronze e para abruptamente, virando a cabeça para a esquerda e levantando a mão de modo a proteger os olhos da luz. Houve qualquer coisa que chamou a sua atenção. Dois perdigueiros vermelho-escuros e brancos entram em cena, anunciando a chegada de Lady Emmeline Lennox, enérgica e resoluta, com a melena grisalha platinada pelo sol. Helena vira-se de maneira a encarar a mulher mais velha, e, de onde Becker se encontra, a silhueta da sua barbiga é replicada pela corcunda pronunciada de Emmeline.

Não consegue ouvir o que dizem, claro, nem consegue ver bem as suas expressões, mas é impossível tresler a ferocidade com que Emmeline agarra o pulso de Helena, puxando-a demasiado para si. Becker bate rispivamente no vidro: ambas as mulheres viram a cabeça na sua direção. Helena levanta, hesitante, a mão que tem livre. Emmeline solta-lhe o pulso e vai-se embora.

— Bruxa malvada — murmura Becker.

Olha por cima do ombro para se certificar de que ninguém o ouviu. Não é segredo que não morre de amores pela mãe de Sebastian, mas não quer ser apanhado a dizer mal dela. Ainda lhe passa pela cabeça correr atrás de Helena e perguntar-lhe o que se passou, garantindo assim que ela está bem, mas sabe que a mulher não irá apreciar o gesto. Não gosta que ele ande sempre à sua volta. E, seja como for, tem o telefone novamente a tocar.

Enquanto ouve um tipo da transportadora a confirmar os pormenores da entrega de duas aquisições que Sebastian fez para a fundação sem sequer o consultar, Becker procura na Internet, não pela primeira vez, artigos sobre Julian Chapman, o marido de Vanessa Chapman.

Há já algum tempo que ninguém fala dele. O artigo mais recente que Becker encontra foi publicado na *Tatler* em 2009, um perfil de Isobel, a irmã mais nova de Chapman, tendo a entrevista sido concedida, ao que parece, com o objetivo de «voltar a chamar a atenção para o desaparecimento de Julian», embora Becker se aperceba de que grande parte do artigo é dedicado ao negócio de *design* de interiores gerido por Isobel. Ainda assim, fala bastante de Julian nos primeiros parágrafos.

Se falarmos com as pessoas sobre Julian Chapman, vemos que a palavra «diabo» surge várias vezes. Era atraente como o diabo, era levado dos diabos. Quando refiro esse facto a Isobel Birch, ela ri. «Não anda longe da verdade», confirma. «Ele conseguia ser perverso.» Faz uma pausa. «Mas era um diabo amado. Toda a gente o adorava.»

O piano de cauda na sua imaculadamente restaurada mansão nas Cotswolds exhibe uma miríade de fotografias, muitas das quais do seu adorado irmão mais velho: ali está ele, num caiaque na costa da Cornualha, e ali, em Ascot, elegante e atraente como uma estrela de Hollywood; noutra,

a cavalo na savana, muito bronzeado e a rir diante de um glorioso pôr do sol.

Quénia, revela Isobel. «O Julian adorava África. Apelava ao seu lado selvagem. Ele e a Celia [Gray, a amante] planeavam mudar-se para lá, tinham encontrado um terreno onde iriam construir uma casa, estavam tão entusiasmados.» Birch pestaneja para afastar as lágrimas. «E depois, em menos de um ano, foram-se ambos.»

Gray morreu em 2001, na Véspera de Ano Novo, num acidente de automóvel, em França. Seis meses mais tarde, Chapman viajou até à ilha escocesa de Eris para visitar a mulher, de quem estava separado, a artista Vanessa Chapman. Nunca regressou. Nem ele nem o seu *Duetto Spider 1600* vermelho foram encontrados.

Passaram-se, entretanto, sete anos desde essa viagem fatídica, tempo suficiente para Julian poder ser dado como morto. Isobel, contudo, não perdeu a esperança. «Continuo a receber mensagens de pessoas que garantem que o viram. Viajei por todo o mundo — França, Bulgária, África do Sul e Argentina — para seguir essas pistas.» Abana a cabeça com tristeza. «Sei que é pouco provável. Ele amava-nos e, embora pudesse ser perverso, não era cruel. Mas não posso desistir. Enquanto não tiver um corpo para enterrar, não perderei a esperança.»

Quando lhe pergunto o que poderá ter acontecido, a expressão de Birch torna-se sombria. «Desconhecemos os seus últimos passos. A Vanessa garante nada saber — segundo afirma, não estava na ilha quando o Julian viajou.» Segundo afirma? Isobel abana a cabeça. «Não posso dizer mais. O que sei é que, depois do desaparecimento, a Vanessa nunca nos contactou, a nós, a família do Julian, para saber como estávamos. Não parecia interessada em saber do paradeiro dele.» Quando sugiro que talvez ela própria estivesse em choque ou a sofrer, Birch mostra-me um

sorriso desanimado. «A Vanessa nunca foi emocionalmente expressiva. Não sei o que sentiu, mas duvido que fosse pesar. Quando muito, acho que ficou aliviada por se ver livre dele.»

No parágrafo seguinte, o jornalista conversa com vários amigos de Julian, tanto sobre o próprio como sobre Vanessa. Estas fontes anónimas referem o seu diabólico sentido de humor, o seu magnetismo, a sua alegria de viver. Contam histórias que envolvem *encierros*, escaladas a Ben Nevis, saltos da Magdalen Bridge na May Morning<sup>1</sup>. Vanessa é ruído de fundo: a esposa atraente. Talentosa, circunspecta, ambiciosa.

Quando o jornalista aborda as (frequentes) dificuldades financeiras de Julian e as suas infidelidades, a irmã desvaloriza essas questões.

«Eu disse que ele sabia ser perverso, certo? Não era perfeito. Mas era um espírito livre — era uma pessoa divertida, provocadora, mas nunca aborrecida. Toda a gente adorava o Julian. Toda a gente queria estar perto dele.» Faz uma pausa e depois sorri, com os enormes olhos castanhos marejados de lágrimas. «Desculpe, isso não é bem verdade — nem toda a gente. Toda a gente menos ela.»

---

<sup>1</sup> Festejo anual em Oxford, no Reino Unido, a 1 de maio. Desde a década de 1980 que se tornou tradição os alunos da universidade saltarem da Magdalen Bridge. [N. T.]

## Diário de Vanessa Chapman

(sem data)

*O meu quadro negro perturba-me. Descobri ontem que não era capaz de trabalhar com ele ali, à minha frente, encostado à parede do estúdio. Pu-lo no esconderijo de padre, mas até aí conseguia sentir a sua presença, por isso saí de casa para me afastar, mas nem isso me pareceu suficiente, pelo que saí também da ilha.*

*Conduzi até ao continente e liguei ao Julian da cabina no parque de estacionamento (o telefone fixo em nossa casa está novamente avariado e eu estou sempre a esquecer-me de o mandar arranjar). Disse-lhe que não viesse. Disse-lhe que não o quero aqui.*

*Depois fui ao pub na outra ponta da aldeia. Sentei-me a um canto. Cerca de dez minutos depois, aproximou-se um homem, um americano à procura de lápides. Algo que ver com os seus antepassados. Ofereceu-me uma bebida. Eu sabia que, se aceitasse, iria perder a maré. Disse-lhe que era casada, que dava aulas em Edimburgo e que discutira com o meu marido.*

*O sexo foi normal, mas ainda assim muito bem-vindo.*

*Esta liberdade é inebriante  
como quando me apetece  
trabalho quando me apetece  
entro e saio conforme me apetece.  
Não dependo de ninguém, apenas da maré.*

### 3

**A** força da maré agita-lhe o sangue, acorda-a a meio da noite. Tantos anos a viver na ilha de Eris — já são mais de vinte — deixaram Grace à mercê das marés. Tornaram-na lunática. Uma verdadeira lunática! Controlada pela Lua. Não dorme quando a maré está vazia, só descansa quando o mar a separa do continente.

Quando sabe que ninguém pode aproximar-se de surpresa.

A ilha de Eris não é verdadeiramente uma ilha. À semelhança de Grace, Eris está à mercê da maré. É uma quase-ilha, unida ao continente por uma estreita língua de terra com cerca de um quilómetro e meio de comprimento. Durante doze horas por dia, em dois períodos de seis horas, essa passagem é transitável a pé ou de carro. Quando a maré enche, Eris torna-se inacessível. Se, tal como naquele dia, a maré baixa ocorrer às 6h30 da manhã, então a passagem pode ser atravessada em segurança entre as 3h30 e as 9h30.

Grace acorda de madrugada.

Acende a salamandra da cozinha e põe a cafeteira ao lume. Encostada ao fogão, prepara as papas de aveia, mexendo os flocos devagar, acrescentando uma pitada de sal e rematando com um pouco de natas. Toma o pequeno-almoço de pé, à janela da cozinha: não vê o mar, mas consegue ouvi-lo, uma besta

indolente que arrasta as garras pela areia à medida que se afasta da costa.

Depois, senta-se à mesa da cozinha, na companhia do portátil. Relê o *e-mail* que recebeu na tarde anterior e sente o pânico crescer atrás das costelas, uma pontada de inquietação, como se fosse domingo à noite e os trabalhos de casa estivessem por fazer. Vanessa morreu há cinco anos, há cinco longos anos, e os seus assuntos ainda não estão resolvidos. Grace continua a ser incomodada por cartas e *e-mails*, por homens que nunca conheceu. É culpa sua, e isso não a faz sentir-se melhor. Muito pelo contrário. Cinco anos! Cinco anos de pesar, de trabalho. De procrastinação. De refúgio. Levanta-se de rompante e a cadeira arrasta ruidosamente pelos ladrilhos. Tudo leva a crer que não poderá continuar a esconder-se.

Mais tarde, depois de ter tomado banho e vestido roupas quentes, regressa à cozinha para ir buscar os óculos. O dia começa a nascer e um céu acinzentado pressiona as colinas do outro lado do canal. Grace despeja o conteúdo da cafeteira para uma garrafa-termo, pega no portátil e tira a chave do estúdio do chaveiro no *hall*, sopesando-a por instantes antes de a guardar na algibeira.

Sai porta fora, fecha-a, enche os pulmões com o ar frio e salgado, e olha para a direita, onde a ilha desaparece na baía. Vê uma luz acesa na pequena casa no porto. A Marguerite já se levantou. Outra lunática.

Grace vira à esquerda e afasta-se na direção oposta ao mar, subindo o caminho que leva ao estúdio. Mais além, fica o bosque, o Rochedo de Eris e o mar da Irlanda.

A meio do caminho, hesita. Da porta da casa até ao estúdio distam umas dezenas de metros, mas é como se fossem mil quilómetros. Há mais de um ano que não abre aquela porta. Arranjou todas as desculpas — o trabalho, o cansaço, a tristeza — para adiar aquele momento. No entanto, os *e-mails*, os telefonemas e as ameaças não vão desaparecer. Tem de enfrentá-lo. Que outra alternativa lhe resta? Entregar a chave que leva no bolso e esquecer tudo? Permitir que um estranho examine os documentos de

Vanessa e decida que partes das suas vidas devem manter-se privadas e que partes devem ser expostas ao olhar de toda gente?

Respira fundo.

E prossegue.

A chave gira com uma facilidade surpreendente na fechadura e a enorme porta de metal abre-se com um gemido, libertando uma nuvem de poeira com odor a barro, a tinta e a aguarrás. Grace fica à porta, a olhar para o banco de três pernas diante da roda de oleiro. Por instantes, não é capaz de se mover, assaltada pela recordação de Vanessa ali sentada, com o pé no campo da roda, indiferente ao vento e ao tempo, indiferente a Grace e ao mundo inteiro, concentrada apenas no barro que girava sob os seus dedos.

Grace pestaneja para afastar a imagem de Vanessa, e o resto do estúdio ganha contornos definidos: a bancada diante da janela, repleta de caixas, o forno ao fundo da sala, a mesa de cavalete ao centro, carregada de pó, de papéis, de blocos de notas e de mais caixas. As estantes, ao fundo, estão cheias de potes com pincéis duros e sujos de tinta, de espátulas, pedaços de barro endurecidos, uma esfera perfeita de quartzo rosa, crânios de aves, uma gaivota e um maçarico com o bico comprido e curvado, como as máscaras da peste. Vê garrotes e teques de corte de barro, agulhas e alicates enferrujados, uma faca de entalhar e um conjunto de bonitos martelos de pedreiro com cabos de faia de vários tamanhos, alinhados como matrioscas.

Os martelos foram um presente, julga Grace. De Douglas, talvez, ou de um dos seus outros homens. Fosse como fosse, ela pouco os usou. Vanessa adorava a *ideia* de esculpir pedra, mas essa prática deixou-a frustrada. Era demasiado difícil, demasiado ruidoso, demasiado violento. Regressou, como sempre fazia após um período de infidelidade, aos materiais que adorava, que dominava: o barro e a tinta.

As telas de Vanessa há muito que já ali não estão, bem como os vasos e potes. Há três anos, assim que a legitimação fora



finalmente confirmada, Grace enviara as peças de arte para a Fairburn, a fundação que Vanessa nomeara como beneficiária do seu património artístico.

Grace, que é a executora do testamento de Vanessa e a única outra herdeira, tivera a intenção de analisar os documentos — as cartas, os cadernos e as fotografias — antes de enviar aqueles que considerasse fazerem parte do património artístico, mas eram tantos, e o pessoal da Fairburn tinha-se mostrado impaciente, exigindo tudo e de uma vez só. Grace recusou-se a fazê-lo. As relações deterioraram-se rapidamente. Insinuaram que Grace não tinha capacidade para assumir a tarefa de executora. Choveram acusações, alegações de que faltavam peças e de que Grace, incumprindo os desejos de Vanessa, estava a dificultar todo o processo. Grace usou o único poder que tinha: deixou de se envolver, de atender o telefone, ignorou os *e-mails*. Durante algum tempo imperou o silêncio.

Todavia, recentemente, o alarido voltara, tendo recebido no mês anterior duas cartas de advogados — uma a exigir uma listagem detalhada dos documentos de Vanessa e a outra a exigir um catálogo das peças de cerâmica — e, no dia anterior, um *e-mail*. Escrito, não por um advogado, mas por um tal de Sr. Becker, curador da Fairburn. Grace costumava apagar todos os *e-mails* sobre o tema, mas aquela mensagem destacou-se. O tom era muito diferente da beligerância legalista a que se habituara. «Tenho um assunto urgente que gostaria de discutir consigo», escrevera o Sr. Becker. «Por favor, contacte-me.» Havia um quê de súplica no tom, que chegava a ser comovente.

E assim, aqui está ela, no estúdio. Deambula uma vez mais pelo espaço; passa os dedos pelo pó acumulado na mesa de cavalete, pega numa pequena, mas afiada, ferramenta de entalhe, sobe numa das mãos o maior dos martelos de pedreiro e, na outra, o crânio da gaviota, tão leve.

Agarra na caixa com papéis mais próxima e regressa a casa.

## Diário de Vanessa Chapman

*Sufocante.*

*A exposição na Whitewall terminou no sábado. Foi um sucesso retumbante do ponto de vista comercial: venderam-se todas as peças. Uma linha na Modern Painting's What's On resume tudo — «Chapman consegue a custo permanecer no lado certo do cliché.»*

*Ao que parece, tenho beleza, mas não substância.*

*Quando a galeria fechou, fomos a casa do Izzy jantar, mas a comida nunca chegou a aparecer. Pessoas horríveis — gente enfadonha do Bullingdon<sup>2</sup>, uns broncos que nasceram em berço de ouro e olham para mim com desprezo porque não é o meu caso —, todas elas a falarem incessantemente de férias e de preços do mercado imobiliário. A energia necessária para esconder o desdém que senti podia iluminar uma cidade.*

*Durante todo esse tempo, o Julian não parou de olhar para mim, de sorrir e de me dizer quão orgulhoso estava. Já está a gastar o dinheiro.*

---

<sup>2</sup> O Bullingdon Club é um clube masculino privado para os estudantes da Universidade de Oxford. Os seus membros provêm de famílias abastadas, e o clube é conhecido pelos seus grandes banquetes e comportamento caótico dos convivas. [N. T.]

## 4

**B**ecker está a ouvir rádio no carro. Estão a falar de Daphne du Maurier.

Três pessoas, o apresentador e dois convidados, uma mulher e um homem, discutem uma nova e *escabrosa* biografia da escritora, que alude a um relacionamento *impróprio* com o pai.

Uma relação *abusiva*, diz a mulher.

Uma relação *incestuosa*, contrapõe o homem, não temos a certeza se houve coerção.

Esse relacionamento terá alegadamente ocorrido antes dos 16 anos, por isso foi *necessariamente* abusivo, replica a mulher num tom acalorado. Um menor não pode consentir.

Isso é verdade, concorda o apresentador. Por que razão, apressa-se a perguntar, tentando conduzir a conversa para um terreno mais seguro, estamos tão interessados na vida privada dos artistas? As pessoas parecem apegar-se à ideia de que aquilo que um escritor verte nas páginas de um livro deve ser inspirado na sua experiência, por isso a sugestão aqui é que esta... *relação*, esta situação entre Du Maurier e o pai deve ter, de alguma maneira, influenciado os seus livros, em especial, *Rebecca*.

Isso acontece particularmente com as escritoras, afirma a mulher. Os críticos parecem incapazes de atribuir a uma mulher a capacidade de ficcionar, eles...

Ora, convenhamos, interrompe o homem. Nem tudo tem que ver com sexismo, Marjorie.

*Tudo*, não, eu não disse tudo, e se me deixar terminar...

Becker desliga o rádio.

Há já algum tempo que a estrada começou a subir e ele está a chegar ao topo do desfiladeiro. Faz uma última curva e, diante dos seus olhos, estende-se um vale pintado em tons de verde, bronze e cobre, rodeado de encostas inclinadas. À sua esquerda, a terra desaparece, mergulhando na água. À direita estende-se uma vedação para veados e, em três postes seguidos, vê três corvos pousados, negros e ameaçadores, que o observam ao passar.

*Os Pássaros*, pensa, deve ter saído de uma paisagem como esta. Não o filme, aquecido pela luz da Carolina do Norte e pela beleza luminosa de Tippi Hedren, mas a história original de Du Maurier, sombria, aterrorizante e trágica. Sente um arrepio na espinha. Abre e fecha as mãos umas quantas vezes para relaxar os músculos depois de tanto tempo agarrado ao volante.

Não consegue parar de pensar na cena com Emmeline, no jardim. Helena não quis contar-lhe o que se tinha passado. «Nada», disse, «não foi nada». Não pareceu, contrapôs Becker, e Helena abanou a cabeça e sorriu e disse, OK, é a mesma coisa de sempre. «Esquece», pediu ela. «Eu já esqueci. Ela está velha, de luto, e não anda lá muito bem. Não te preocupes.»

Também não lhe sai da cabeça a crítica que Sebastian lhe fez no escritório: *Não te armes em esperto*. Sebastian... um *palerma* de Eton e Oxford a tratá-lo como se ele fosse um idiota! Sebastian, que não sabe nada de nada, que tem a capacidade de concentração de um mosquito, que corre atrás de Hirsts e de Banksys e de tudo o que esteja na moda e seja dispendioso. Que é alto e atraente e rico. Que namorou com Helena antes de si.

Becker despreza-se por se ter permitido esse pensamento, odeia-se por dizer mal de Sebastian, ainda que apenas na sua

imaginação. Sebastian tem-no tratado bem — muito bem, até, dadas as circunstâncias.

Está enervado, é isso, não gosta de deixar Helena sozinha. Não por ter ciúmes, não por não confiar nela. Sente-se simplesmente ansioso, não consegue evitá-lo. Anda ansioso desde que Helena lhe disse que estava grávida. E ela está quase de sete meses.

Não ajuda o facto de ela se mostrar tão descontraída. Bebe vinho (*Sou meio francesa, sabes?*) e dança em festas com saltos de dez centímetros; uns dias antes, apanhara-a com uma grossa cunha de queijo azul numa bolacha e quase tivera de lhe bater na mão para ela não o comer. Helena não leu um único livro sobre gravidez, não assistiu a um único vídeo no YouTube que mostrasse mulheres a dar à luz. Não tem nenhum plano de parto.

Ele, por seu lado, já tinha pegado no carro e ido até ao hospital mais próximo uma meia dúzia de vezes. Experimentara vários percursos e investigara até o *segundo* hospital mais próximo, noventa quilómetros mais a sul. No caso de surgir uma qualquer eventualidade. «Mas qual eventualidade?», perguntou-lhe Helena quando soube. «Não vá o hospital estar *fechado?*»

O nervosismo advém de toda essa preocupação com ela, apenas isso. E de não dormir. Não consegue: Helena deu em rressonar e em irradiar calor. Deita-se ao lado dela, impotente, com vontade de se coçar, melancólico, aterrorizado. E se alguma coisa corre mal? E se ela muda de ideias? E se chega à conclusão de que aquilo é tudo um erro terrível?

E se ele tiver o que merece?

## Diário de Vanessa Chapman

*Este lugar deixa-me inquieta. As Cotswolds deviam ser campo, mas nada aqui tem de facto um ar campestre. Parece-se mais com um subúrbio, cheio de Range Rovers conduzidos por esposas de gestores de investimentos. E o calor não dá tréguas — as sebes estão a morrer e o céu permanece teimosamente branco há semanas, os prados estão queimados, a terra, ressequida. Anseio por água, por verde e azul e violeta.*



*Há uma semana que não escrevo nada aqui. Acabei de regressar da Cornualha. Deixei o J em Oxfordshire (de qualquer maneira, já é raro vê-lo) e fiquei lá dez dias. Nadei e trabalhei e conversei e conversei e conversei. A Frances está a fazer umas magníficas esculturas de cerâmica — criaturas marinhas em sublimes tons de azul e de roxo, misteriosas e sinistras.*



*Não tenho conseguido pintar.*



*Anseio por solidão e, no entanto, estou tão sozinha. Como raio é isto possível? Sozinha quando estou só, ainda mais solitária quando o Julian está aqui. Nunca falamos, só discutimos e fodemos.*

A última discussão — do mais aborrecido que há: planos para o Natal —, eu quero regressar à Cornualha, ele insiste em estar com a família. Depois, quer ir passar o Ano Novo a Courchevel com o grupo do Izzy. (Não estou para isso, ele que vá sem mim.)

Estou a tentar terminar a última peça para a exposição na Cube, em Londres, mas o céu tem estado tão monótono e a luz tão pouco inspiradora — sinto-me cercada por carros e pessoas e sebes.



Não vendi nada na Cube. O Julian diz que estou a perder o meu tempo.

Mas! Um artigo na Art Review diz que sou um dos nomes a ter em conta. «Tudo o que os jovens artistas britânicos dos anos oitenta e noventa são, Vanessa Chapman não é.» Então... sou antiquada? É justo, não me dedico a camas por fazer<sup>3</sup>. Mas também: «intensa, comovente».

Não é muito mau, pois não?

Não pinto nada desde o início do ano, embora tenha feito algumas peças de cerâmica — encontrei um estúdio em Oxford, que posso usar. Vou lá quase diariamente, mesmo quando não estou a trabalhar. O que quero é sair de casa.

Em breve, fico sozinha — o Julian vai para Nairobi na próxima semana, numa «aventura» que ele e o Izzy andam a planear, depois seguem para Lamu. A Celia Gray arrendou lá uma casa. O Izzy diz-me que «é só uma paixoneta».

Não sei se me importo. Não, claro que me importo. Bom, às vezes. Uma parte de mim quer que ele vá e não regresse. A outra parte quer prendê-lo num quarto para todo o sempre.

---

<sup>3</sup> Referência à escultura *My Bed*, de Tracey Emin, criada em 1998 e exposta na Tate em 1999. Finalista do Turner Prize; mesmo não tendo ganhado o prémio, foi uma das obras que mais polémica gerou. [N. T.]

Romance magistral, tão viciante quanto perturbador, *A Hora Azul* lembra o melhor de Shirley Jackson e de Patricia Highsmith, consolidando o lugar de Paula Hawkins entre os melhores, mais subtis, poderosos e elegantes contadores de histórias do nosso tempo.

Bem-vindos a Eris: uma ilha isolada na Escócia com apenas uma casa, um habitante, uma saída. Inacessível durante doze horas por dia.

Outrora, foi o lar de Vanessa, uma artista famosa cujo marido reconhecidamente infiel desapareceu há vinte anos.

Hoje, é o lar de Grace, uma solitária criatura das marés, conformada com o seu próprio isolamento.

Quando se dá uma descoberta chocante numa galeria de arte em Londres, eis que surge um visitante.

E os segredos de Eris ameaçam vir à superfície...

«Quando se trata de tensão de cortar à faca, ninguém o faz melhor do que Paula Hawkins.»

*New York Post*

Da mesma  
autora:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895830053



9 789895 830053 >